

A escola pública e suas fagulhas instituintes

Carolina Brito¹⁰⁰,

Célia Linhares¹⁰¹

Marina Praça¹⁰²

Resumo

Este artigo vai na contramão de um discurso que só ressalta as negações da Escola Pública; um discurso que facilita e que confirma negligências e indiferenças que as instituições públicas vêm sofrendo e, com isso, debilitam os empenhos de uma reinvenção delas. Nessa direção, pesquisamos as fagulhas que alimentam os movimentos instituintes na escola e que confluem com os sonhos de dignificação dos saberes escolares como contribuição viva a uma democracia em que todos e todas possamos participar de forma pensante, sensível, includente e solidária.

Palavras-chave: Escola; movimentos instituintes; saberes escolares; democracia.

Abstract

This article goes against a discourse that emphasizes only the denials Public School, a speech that facilitates and confirming negligence and indifference that public institutions are suffering and thereby weaken the endeavors of a reinvention of them. In this direction, we investigate the sparks feeding movements in instituting school and that converge with dreams of dignifying of school knowledge as a contribution to a living democracy in which everyone can participate thoughtful, sensitive, inclusive and supportive.

Keywords: School; instituting movements; school knowledge; democracy.

¹⁰⁰ Participante do Grupo Devires da Educação na Baixada Fluminense: Movimentos Instituintes; bolsista de Iniciação Científica CNPq.

¹⁰¹ Coordenadora do Grupo de Pesquisa Devires da Educação na Baixada Fluminense: movimentos instituintes. Professora Emérita da Universidade Federal Fluminense, Professora Visitante Nacional Sênior Capes, atuando na UFRRJ (Mestrado em Educação: Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) e na UFF (Doutorado em Educação); pesquisadora CNPq.

¹⁰² Participante do Grupo Devires da Educação na Baixada Fluminense: Movimentos Instituintes; Estudante do Mestrado em Educação: Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

*“Sei que é preciso sonhar.
Campo sem orvalho, seca
A frente de quem não sonha.
Quem não sonha o azul do voo
perde seu poder de pássaro.
(...)
É sonhar, mas cavalgando
o sonho e inventando o chão
para o sonho florescer”.*
Thiago de Mello

Imaginemos um lugar que, pelo menos potencialmente, irradie vida, provoque emoções e faça fervilhar seus pensamentos e sua capacidade de imaginar outros mundos. Imaginemos um território amplo, por onde circulam vozes, as mais diferentes, inquietudes, latentes e explícitas, enfim, movimentos de conservação, mas também, movimentos insurgentes e instituintes.

Acreditem, vocês estão nesse lugar, diariamente. Acontece que além de uma realidade precária, às vezes até hostil, estamos envolvidos num discurso de queixas, de tal forma que, não só enfraquecemos nossas lutas, como não positivamos as esperanças que a escola alimenta, política, social e economicamente. Somos uma instituição perpassada por antagonismos e ambivalências?.

Por isso mesmo, tem sido fácil criticar e desprestigiar a instituição escolar, principalmente a pública. Mas, ela nunca foi tão demandada, como atualmente. Até mesmo, como pesquisadores vêm mostrando, a escola tem sido assumida como um modelo para algumas instituições que vão emergindo no cenário contemporâneo. Assim, se multiplicam escolas de trânsito, escola de pais, escolas de diferentes formações profissionais ou não.

Mas, o que não podemos deixar escapar em nossas análises é que, cada vez mais, a escola se torna alvo de reivindicações de todas as classes e grupos sociais, embora com perspectivas diversas e até antagônicas. Além disso, todos pagam um preço para nela entrar e nela permanecer. Basta lembrar que o processo escolar dura muitos anos e nos exige, além de frequência diária, empenhos múltiplos, que se intensificam com os incessantes movimentos de mudança característicos /dos tempos modernos, ou /da atualidade.

Mas, se ela tem sido tão valorizada por todos os lados, também não escapa de desafios e ameaças que, há décadas, proclamam sinais, necessidades e urgências da vitalidade, mas também de uma morte que impregna a escola, exigindo sua extinção.

Assim, se até a primeira metade do século passado, a escola representava um eixo, catalisador de esperanças, na virada dos anos 60, um outro discurso, mostrava que os problemas da escola, não eram facilmente reformáveis, pelos seus vínculos estruturais que lhe garantiam um caráter reprodutivo.

Nesse sentido, as vozes foram diversas, mas confluentes: Bourdieu, Althusser, Baudelot e Passeron foram alguns dos mais fortes baluartes dessa dimensão negativa da escola. Mas, muitas águas rolaram, mostrando as ambiguidades e contradições da escola, sempre capazes de abrigar potências libertadoras. Paulo Freire, expulso do Brasil, iluminava a discussão educacional, em diferentes quadrantes do mundo com a sua Pedagogia do Oprimido.

Portanto, se a escola hoje é requerida por gregos e troianos, por brancos, negros e indígenas, por empresários e trabalhadores, por empregados e desempregados, por jovens, crianças e idosos, tampouco podemos minimizar os desafios que ameaçam essa nossa instituição.

Por isso mesmo, urge interpelá-la. A escola tem se reconfigurado, com autonomia, diante das vertiginosas mudanças contemporâneas? Tem ela encarado as exigências da contemporaneidade para definir seu lugar social? Como ela vem se conjugando com a complexidade das interdependências exigidas pelas sociedades locais e globais?

São abertos e porosos os saberes escolares para superar monoculturas já instaladas na sociedade, mas que estão estremecidas e em desconstrução pelas condições históricas que experimentamos? Vem a escola se conectando aos processos instituintes que, socialmente, trabalham na direção de potencializar a inclusão de outros sujeitos, de outras linguagens, outros métodos e, sobretudo, de outros horizontes?

Mesmo com uma paisagem, algumas vezes caótica, outras tantas adormecida e, até obsoleta, a escola pública brasileira participa de cenários, com movimentos

instituintes, que vêm abrindo caminhos, enfrentando condições corrosivas para seu revigoramento incessante. Portanto, é urgente continuar perguntando à escola:

Que movimentos e caminhos se abrem na escola? Como as desigualdades sociais têm sido enfrentadas na escola? Como a arte vem penetrando no ambiente escolar? E a pluralidade cultural tem tido mais vigência na escola? Agora, mudando de tom e indagando fraternalmente de você que nos lê: Quais são os seus sonhos e investimentos com/na sua escola?

Não podemos nos fazer de surdos e surdas à voz de nosso poeta amazonense, com que epigrafamos este capítulo.

“Quem não sonha o azul do voo perde seu poder de pássaro”

Como carregar o azul do céu, ampliando horizontes na escola, quando ela se nos afigura uma realidade cinzenta, controladora, triste, amesquinhada?

Mas, bem sabemos que a realidade se move e nos surpreende a toda hora. Importa, no entanto, ressaltar que esses movimentos não acontecem, nem ao acaso, nem, muito menos, como fruto de relações de tipo causa-efeito.

No caso da escola, não podemos naufragar, vendo só seu lado sombrio, que reconhecemos e, bem sabemos, é às vezes apavorante, em suas relações contextuais e históricas, nem cair em transformismos ingênuos que fracassam e reforçam o instituído.

Afinal, nada é fixo, nada pode ser separado de forma absoluta, ou seja, a vida é uma miscigenação sem fim e o que nos parece bom, puro, verdadeiro e belo tem relações e polarizações que fogem da pureza idealizada.

Nessa mistura sempre indomável que é a vida, não podemos minimizar a potência dos sonhos e dos projetos que alimentamos e nos alimentam e a esse fluxo de devires que a vai transfigurando sem parar. É com eles que potencializamos os nossos empenhos em despertar, expandir e criar germes de outra realidade.

É irresistível a insistência poética de Shakespeare a nos lembrar que *Somos feitos do pó de estrelas (...)* ...feitos da mesma matéria que nossos sonhos.

Mas, além dos poetas, muitos pensadores, como Freud e Bourdieu, bem como Marx e tantos outros, ainda que com diferentes cenários, sublinharam a importância do impensado, para a contínua formação e exercício de pensar.

Portanto, importa não separar os movimentos de uma mesma realidade: aqueles que já se apresentam como aceitos e aprovados, daqueles que vão se constituindo como sonhos e expectativas desejadas. Entre uma e outra há entrelaces, contradições e tensões.

Por isso mesmo, podemos dizer que um tipo de elasticidade une o que vem surgindo e o que já está aí, consagrado, entre o que esmaga nossa liberdade e nos constrange e o que nos estimula a ampliar a vida.

Agora, abrimos um espaço para uma outra importante questão: por que essas tensões de uma escola que temos e que desejamos não têm sido tematizadas e discutidas, mobilizando essa reciprocidade de relações vivas que as une na escola?

É tempo de sonhar e projetar a escola nesses interstícios de experiências cotidianas, com as quais, não só nossas instituições vão sendo reconfiguradas, mas nós mesmos nos modificamos e nos recriamos.

Afinal, cabe-nos sempre escolher entre aguentar a vida, a escola, o trabalho e tudo mais, ou nela mergulharmos e irmos sentindo, seus obstáculos, percebendo suas brechas e pensando, pensando, com sensibilidade e compaixão, com a vida e com os viventes,, como alargá-las e até, como reinventá-las.

E a escola, como todas as instituições, estão gravadas de caminhos já abertos e por abrir. Os que mais vicejam e produzem bons resultados são aqueles que já estão pulsando na escola e não aqueles outros que são definidos de modo arbitrário e calculista por "tecnicos" distantes do seu chão.

Por isso é tão necessário, quanto importante, prestar atenção à escola, fazer dela leituras vivas, sentir e pressentir as pulsações dos caminhos que vão se abrindo para confluirmos com os movimentos mais promissores e confluentes com as causas comuns.

Com uma atenção difusa e flutuante, podemos perceber que ao pisarmos o chão da escola, nos aproximamos de risos abafados e outros soltos nos corredores,

pátios, salas de aula. Há histórias em narrações, em queixas, em murmúrios, em declarações; tudo isso sendo construído com urgências a serem atendidas, sonhos a serem realizados.

Nossas ações abrem acessos aos jardins que florescem na escola, como um dos importantes espaços e tempos de formação de homens e mulheres.

Quando homens e mulheres não se rendem às ordenações de emudecimentos, nem admitem perder sua capacidade de pensar, porque conhecem uma satisfação de ir construindo, não só um sentido para sua vida, mas o bem estar de contribuir para outras formas de viver, que implicam sempre em outras formas de conviver com mais dignidade.

Portanto, ao pisar no chão da escola, podemos aprender dos massacres da padronização e dos modelos que nos são impostos e dos olheiros que vigiam à porta de cada dia, como tão bem canta o Ivan Lins.¹⁰³

Mas, também aí, podemos experimentar o fascínio, não somente, de respeitar as diferenças, mas principalmente, a maravilha de saber-se e à vida como um processo que não para de diferir, de criar, de nos fazer, concretamente convites, com que vamos inscrevendo sentidos e significados às nossas existências.

Nunca é demais repetir que caminhos estão sempre para serem refeitos, com o nosso modo próprio de caminhar. Isso também significa que desigualdades sociais não são um fatalismo; que os lugares da arte são muito maiores do que aqueles reservados aos quadros nas paredes; que a pluralidade cultural, regional, racial e de gênero, p.ex., nos constituem e que urgimos para vê-la afirmada nas escolas.

Nós professores, nossos alunos, o corpo diretivo e dos auxiliares da escola, somos todas e todos compostos de muita vida e imensas possibilidades. O que precisamos é ir recriando nossa instituição, forjando sentidos com ações, pois como poetizou Pablo Neruda, *“a ação é a mãe da esperança”*.

¹⁰³ PASSARINHO CANTOU: Ivan Lins

Passarinho cantou de dentro de uma gaiola / cantaria melhor se fosse do lado de fora (4 x)

O marinheiro acordou e tinha que se espantar / alguém levantou mais cedo e roubou o céu e o mar (4 x) / meu amor não sabia por que nunca amanhecia(2 x) / é que existia um vigia na porta de cada dia / existia um vigia na porta de cada dia

Basta entrar numa escola para perceber que mesmo enfrentando problemas capazes de desanimar uns, reduzindo outros à condição de tarefeiros, sempre ressentidos com a condição de seu trabalho, há professores e estudantes que não se conformam e tratam de encontrar frestas e inventar atividades que acabam, mais das vezes, animando a escola.

Não é tão raro, que esses processos tenham alguma duração e tantos desdobramentos que os mantenham em funcionamento com reedições do projeto inicial. Os núcleos de poesia, os projetos de escola e de sistema escolar, como o da Escola Cidadã (RGS), Escola Plural (BH), Escola Sonhos do Futuro e o Bairro Escola podem ser considerados exemplos desse ímpeto criador nas escolas.

As experiências criadoras nunca se perdem. Elas podem ser até sumariamente desativada, pelas mais diferentes razões, mas elas permanecem como rios subterrâneos que se entregam aos oásis, irrigando vidas e sobrevividas, na aridez dos desertos. No caso do Bairro Escola, em Nova Iguaçu, é interessante observar como ele voltou a florescer com o Programa Nacional “Mais Educação”¹⁰⁴.

Mais ainda, gostaríamos de ler, com vocês, algumas fulgurações dessa paisagem escolar brasileira que vai além das misérias que perduram e se reatualizam, dentro e fora da escola. Entre tantas, vamos ressaltar a intensidade da educação indígena.

Os números retratam um forte movimento de expansão. Mas, o mais interessante é que a educação escolar indígena vai nos ajudando a recordar a história da educação brasileira e em bom momento nos reensina o valor da liberdade para aprender e ensinar.

A etnia Mura, que habita região norte do Brasil, particularmente, o estado do Amazonas, teve um especial desenvolvimento, sustentado por um processo educacional que preservou sua autonomia, com o intercâmbio de professores da UFAM.

¹⁰⁴ MENDES, Ana Luiza P. C. O Programa mais educação e seus entrelaces com a educação integral: desafios e perspectivas para as escolas do Município de Nova Iguaçu. Dissertação. UFRRJ, 2013

Os efeitos foram graduais, firmes e extraordinários. A etnia estava ameaçada de extinção. Havia perdido sua língua e o número dos que se definiam como pertencentes à etnia Mura decrescia de forma espantosa.

Com o processo educacional, com as características acima mencionadas, o povo Mura reconstruiu seu espelho cultural, com o que passou a projetar suas vidas e a reeditar seus valores. Tudo isso possibilitou um crescimento numérico e cultural dessa etnia¹⁰⁵.

Bem, essa é uma ilustração de caminhos que vão se abrindo com a escola e por dentro dela. Quantos outros caminhos também estão sendo criados, alargados e pavimentados... A cultura negra tem expandido seu reconhecimento na escola e fora dela. O direito a opção de gênero tem sido cada vez mais discutida, sensibilizando crescentemente a sociedade brasileira.

Sem pretendermos encerrar esse inventário dos caminhos em construção e por construir na escola, ainda desejamos enfatizar os avanços da educação inclusiva e a importância da valorização da cultura infantil e juvenil, em franco desenvolvimento.

Cada uma dessas áreas de pesquisa e atuação pedagógica representam indispensável possibilidade de interlocução insubstituível para um redimensionamento das instituições voltadas à formação humana, como são a escola e a universidade.

Na outra ponta desses estudos relacionados à faixa etária, a gerontologia com suas conexões também interdisciplinares, reafirmam perspectivas da educação, como um processo sem fim.

Mas, há outras pistas que se articulam com essas que acabamos de anunciar, tais como o das instituições interculturais e de empenhos múltiplos com vistas a intersetorialidade e a refundação de um federalismo brasileiro.

Tudo isso, convida a escola a se repensar e a se refazer por caminhos, já nelas entreabertos e pulsantes que, embora ameaçados de extinção e focos de brigas e guerrilhas, indicam um *desejo* incessante de comunicação e liberdade, só possível “*pelo reconhecimento do outro como legítimo outro*”, para assim encerrarmos este capítulo com uma expressão do Maturana.

¹⁰⁵ LINHARES, Célia et alii. Cotidiano Escolar e Formação de Professores. Brasília, Editora da Universidade Federal do Amazonas e Liber Livro, 2011. idem

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*, Paz e Terra, 2004

LINHARES, Célia Frazão Soares (org). *Formação continuada de professores: comunidade científica e poética – uma busca de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LINHARES, Célia et alii. *Cotidiano Escolar e Formação de Professores*. Brasília: Editora da Universidade Federal do Amazonas e Liber Livro, 2011.

MELLO, Thiago de. *Poemas Preferidos*. Bertrand Brasil, 2001. 294 p.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1999

MENDES, Ana Luiza P. C. *O Programa mais educação e seus entrelaces com a educação integral: desafios e perspectivas para as escolas do Município de Nova Iguaçu*. Dissertação. UFRRJ, 2013